



Odete Lara,
Atriz de Cinema



Ministério da
Cultura





“
Se o cinema
brasileiro tivesse
um rosto, esse
rosto seria o de
Odete Lara.

HUGO CARVANA
ATOR E CINEASTA

”



Bem que quiseram transformá-la na Jeanne Moreau brasileira. Bobagem. Odete Lara é única. Sem comparações. Um mistério que nunca foi desvendado. Uma explosão de feminilidade no cinema, um olhar penetrante e uma voz inesquecível. Essa voz, por sinal, garantiu a melhor gravação dos afro-sambas de Baden e Vinicius. A história de Odete Lara sempre vai se confundir com a história das artes no Brasil.

Pensando bem, Jeanne Moreau é que é a Odete Lara francesa.

ARTUR XEXÉO
JORNALISTA



Ministério da Cultura e Banco do Brasil apresentam e patrocinam

**Odete Lara,
Atriz de Cinema**
Rio de Janeiro 10 a 15 maio
Brasília 17 a 29 maio
São Paulo 1º a 12 junho
2011

Carlo Mossi e Odete Lara
Copacabana me Engana



Dona Violante Miranda

SUMÁRIO

- 8 APRESENTAÇÃO
- 10 “DA CÂMERA EU ME SENTIA ÍNTIMA”
João Juarez Guimarães
- 12 PESSOAL E INTRANSFERÍVEL
Carlo Mossy
- 14 LEMBRANÇAS DE CINEMA
Leonardo Luiz Ferreira
- 20 UMA NOVA GRANDE ATRIZ
Hernani Heffner
- 24 UMA ATRIZ RODRIGUEANA
Luiz Fernando Gallego
- 28 LONGA JORNADA NOITE ADENTRO
Daniel Schenker
- 30 AMOR E AMIZADE
Leonardo Luiz Ferreira
- 34 A FÚRIA DE ODETE
Daniel Caetano
- 38 PROFISSÃO: ATRIZ DE CINEMA
João Juarez Guimarães
- 42 MERGULHO ETERNO
Leonardo Luiz Ferreira
- 44 FILMOGRAFIA DE ODETE LARA
- 46 FICHAS TÉCNICAS
- 50 RIO DE JANEIRO
- 52 BRASÍLIA
- 54 SÃO PAULO
- 56 CRÉDITOS

O

Ministério da Cultura e o Banco do Brasil apresentam Odete Lara, Atriz de Cinema, mostra que lança luz sobre uma destacada personalidade brasileira ausente das telas há quase 35 anos.

A seleção de filmes traz clássicos da produção brasileira como Boca de Ouro e Copacabana me Engana, numa continuidade às séries que o Centro Cultural Banco do Brasil realiza em apoio e incentivo ao cinema brasileiro.

Amigos e colegas de trabalho, cineastas e críticos de cinema, têm sido unânimes em ressaltar mais do que a admiração e o encantamento que sentem por essa grande estrela do cinema nacional das décadas de 1960 e 1970.

Alternando discretas temporadas em seu apartamento carioca com períodos de total recolhimento em um sítio na serra fluminense, Odete Lara há muito é merecedora de uma iniciativa que reaviva seu trabalho na lembrança não apenas dos admiradores da sétima arte como também do público em geral.

É com satisfação que o CCBB realiza esta mostra e presta homenagem a uma atriz que já foi definida da seguinte forma: "se o cinema brasileiro tivesse uma face, este rosto seria o de Odete Lara."

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL



“DA CÂMERA EU ME SENTIA ÍNTIMA” JOÃO JUAREZ GUIMARÃES

Curador da mostra Odete Lara, Atriz de Cinema

Aos 18 anos, a jovem Odete era secretária e datilógrafa quando casualmente acompanhou uma amiga numa visita a um curso de manequim no Museu de Artes de São Paulo e foi incentivada a se inscrever. Sua beleza levou Pietro Maria Bardi, diretor da instituição, a indicá-la para trabalhar como garota propaganda na recém-inaugurada TV Tupi, e, com o nome artístico inspirado no cantor de boleros mexicano Agustín Lara, Odete Lara iniciou sua carreira. Logo foi chamada para participar do programa TV de Vanguarda, principal teleteatro da época, e estreou nos palcos contratada pela companhia mais importante do país, o Teatro Brasileiro de Comédia, o TBC.

Mas a vida não havia sido fácil até então para a filha única do casal de imigrantes Virginia Righi e Giuseppe Bertoluzzi, de Belluno, norte da Itália. Odete Righi, registrada apenas com o sobrenome da mãe pois os pais não eram casados, nasceu em São Paulo em 17 de abril de 1929, no tradicional bairro da Bela Vista, e teve uma infância pobre e cheia de dificuldades enfrentando, inclusive, o traumático suicídio dos pais. Odete passou por orfanatos e morou com parentes.

Odete Lara estreou no cinema em 1956 ao lado do cômico popular paulista Mazzaropi em *O Gato de Madame*. A jovem atriz então declarou ter encontrado seu meio de expressão definitivo: “O palco me dava pavor, já da câmera eu me sentia íntima”.

Seguiram-se 32 longas, e em todos filmes que participou Odete Lara deixou a marca de mulher bonita de corpo perfeito e firmou-se como uma das mais talentosas e versáteis atrizes do nosso cinema.

Considerada musa da bossa nova e mito do cinema novo, a atriz, entretanto, foi requisitada por cineastas de diversas vertentes da produção nacional e, inquieta, gravou discos elogiados e fez shows ao lado de Baden Powell, Chico Buarque e Vinícius de Moraes, entre outros. Colaborou com a imprensa alternativa nos anos 1970 e, em 1975, escreveu sua biografia.

Odete já estava ausente do cinema há quatro anos quando atuou em *O Princípio do Prazer*, de Luiz Carlos Lacerda, em 1978, que acabou sendo praticamente seu último longa-metragem, pois só voltaria às telas sete anos depois para uma breve aparição em *Um filme 100% Brasileiro*. A atriz resolveu abandonar a profissão e, aos quase 50 anos de idade, refugiou-se num sítio da serra fluminense onde, convertida ao budismo, dedicou-se ao ofício de escrever e de traduzir obras de monges orientais.

Assim, o público brasileiro está privado há mais de 30 anos do trabalho de uma das mais reconhecidas atrizes já surgidas no país e uma de suas mais belas mulheres. Toda uma geração desconhece por completo a força de suas atuações.

Exibindo 16 títulos que contam com a presença da atriz no elenco, entre eles alguns clássicos do cinema nacional e obras pouco divulgadas que merecem ser conhecidas, a mostra Odete Lara, Atriz de Cinema é um tributo à trajetória dessa extraordinária artista brasileira.



PESSOAL E INTRASFERÍVEL

CARLO MOSSY

Autor, diretor e produtor de cinema

Odete Lara, ah, Odete Lara! Como descrever brioso sobre a sublime deusa da minha recôndita mitologia real, e muito além da atenciosa colega de fotogramas labororiais? Retratá-la empirea, através desses modernosos digitalizadores fríos, e envolver seu precioso nome-sonho em nostálgicos compêndios transcendentais, à relação abrasadora durante a mágica época de nossas compulsivas e inatingíveis "tramas", vez e outra emolduradas por uma odisseia romanesca, como se fosse um compassível filme inacabado. E seria esse, queridíssima atriz, o modo mais justo de te desenhar eletrizantemente linda? Você, maravilhosa fêmea-mito, a quem conferi incondicionalmente todos os meus irrequietos juvenis sentimentos, até os mais sublimemente proibidos, estratégicamente escondidos, assim como me entreguei sédulo às aulas por ti ministradas gentilmente à arte de se colocar e agir diante de uma câmera, e, à concepção filmica, os primeiros passos de um jovem ator inexperiente; fago-lhe, agora, permita-me, uma pergunta que vaguei pela atemporalidade, e que não exigirá metafísica resposta: à inexorabilidade do tempo/espaco, você, alguns aninhos mais sábia, a minha mestra vigorosamente anárquica, a minha cicerone idealista à Marcha dos 100 Mil, o meu conteúdo passionnal e hipnótico de intrinsecas eras, jamais lhe veio à sua desinquieta mente que a nossa – talvez - despropositada e "deselegante" relação relâmpago beyond lens, tinha sido uma (i)morredoura(?) metáfora existencial, continuidade do nosso filme-objeto?

Trata-se de um testemunho de arrebatamento subjetivo, em que os poros epidérmicos e as saudades espirituais seriam as únicas testemunhas de um dadíoso pretérito diante de um tribunal das belas verdades. O julg, o sorriso jubiloso que ora apresento. Odete Lara, mescla de Greta Garbo e Marlene Dietrich, de adaptada beleza tropical contagiente, fantasia feminina voluptuosa de marmanjos como de mulheres, mesmo que existencialmente sofrida é exaustão, como todo poeta glorioso tende ser, esbanjava através de seu olhar flechado e intimidador, olhar fetiche, à combinação da mulher irreprochável, pele alva incandescente, voz firme, som de rouxinol, um ameprante encanto aos que perto dela se encontravam. Edificou imperativa, através de sua personalidade-fortaleza o império majestoso solo de Odete Lara. Não tão somente pela sua rara beleza elegante e bestial, mas, sobretudo, pela fantástica atriz dramática, cômica e cantante que foi. Só os adultos de mais de cinquenta, mesmo assim, só os sensíveis, saberiam decodificar parcialmente o mito Odete, quiçá, alguns jovens interessados nos monstros sagrados das telas de antanho, apreciadores de cineclubs, caçadores de musas, idem.

Adentrem urgentemente no Google e desvelem os primorosos detalhes pessoais e profissionais desta que ainda é, e que sempre será, a maior diva de todas as divas. É uma pena que o brasileiro tupiniquim nutra e se aconchegue à cultura do esquecimento. Odete Lara está lindamente viva, e é, ainda, aos cintenta e dois, uma figura culturalmente e antropológicamente insubstituível.



Carlo Mossy e Odete Lara
(Copacabana na Europa)

LEMBRANÇAS DE CINEMA

LEONARDO LUIZ FERREIRA

Jornalista, crítico e cineasta

Como definir Odete Lara, a atriz de cinema? A sua imagem na tela em inúmeros clássicos do cinema brasileiro valem, sem dúvida, muito mais do que inúmeras palavras. Dotada de um estilo particular de interpretação em que o controle técnico e emocional tornaram a sua persona cinematográfica marcante entre tantas estrelas: uma beleza rara que se entregou de corpo e alma às produções que estrelou. A interiorização dos sentimentos das personagens foi tamanha que sofreria fora dos filmes como se vivesse o papel na intimidade. Em 1979, o cinema perdia Odete Lara, atriz, que passou, finalmente, a viver a sua vida em busca de novos horizontes e de fortalecimento espiritual e intelectual. Mas no cinema, como em todas as artes, é a obra que precede a lenda: a filmografia de Odete Lara fala por si só sobre a construção do mito. Nada melhor, nesse momento de resgate histórico, em uma merecida retrospectiva, que ela mesma relembre passagens de sua carreira cinematográfica e registre as suas percepções a respeito do ofício de interpretar. Com a palavra, Odete Lara, mulher, símbolo sexual, diva e atriz de cinema...

Qual era a sua relação pessoal com o cinema antes de trabalhar no seu primeiro filme?

Eu adorava cinema ainda quando criança e assistia a todos os filmes que não eram proibidos para minha idade. Já adolescente, o filme que mais me marcou foi ...E o Vento Levou (N.R.: clássico romântico de 1939 assinado por Victor Fleming, estrelado por Clark Gable e Vivien Leigh, e vencedor de 8 Oscar). Fiquei apaixonada pela personagem da Scarlett O'Hara: eu queria ser aquela mulher!

Como você chegou ao cinema?

Eu tinha acabado de pisar no palco do Teatro Brasileiro de Comédia, na peça Santa Marta Fabril S.A., de autoria do saudoso dramaturgo Abílio Pereira de Almeida. Eu tenho até hoje pavor de palco, razão pela qual me dediquei ao cinema, e o Abílio foi quem me fez o convite para participar de um filme, o meu primeiro, também de sua autoria, que ia começar a ser rodado. Era um filme estrelado pelo comediante Mazzaropi. No filme, ele sonhava que estava no Museu do Ipiranga, em São Paulo, e avistava um quadro que mostrava a Marquesa de Santos, que era a minha personagem. Então, ele a tirava do quadro e, orgulhoso, dançava com ela. Isso faz tanto tempo que não lembro o título do filme.

Era O Gato de Madame...

Isso! Eu interpretava também uma personagem grã-fina cujo gato havia sumido.

Nesse início de carreira, há também uma longa parceria com a atriz Dercy Gonçalves em filmes como *Dona Violante Miranda*, *Uma Certeza Lucrécia* e *Absolutamente Certo*.



Odete é precursora, sua expressão e voz provindas de personalidade forte aparecem nos filmes como uma criatura sem ilusões, desafiadora aos homens. Minha amiga, doce e tolerante, mesmo quando é mais dura (coisa que só a vi ser consigo mesma).

Adoro meditar com ela e vê-la existir com seus valores, suas questões mais profundas que a tornam tão compreensiva com os outros. Sensível e "TAO" forte!

LETÍCIA SABATELLA APREZ

O difícil nessas parcerias era eu me segurar para não rir durante as filmagens.

Como foi contracenar e ser dirigida por Anselmo Duarte, único cineasta brasileiro a receber a Palma de Ouro em Cannes por *O Pagador de Promessas* (1962)?

Antes de eu filmar com o Anselmo Duarte, eu já o conhecia porque ele era muito amigo do diretor Fernando de Barros, em cuja casa nos encontrávamos sempre. Por ser Anselmo o maior galã do cinema brasileiro, as pessoas não acreditavam que ele poderia também ser diretor. Mas logo nos primeiros dias de *Imagem de Absolutamente Certol* percebi que ele tinha talento para ser diretor também, tanto que este filme foi um estouro – apreciado pelo público e pela crítica. Anos depois, quando eu já havia mudado para o Rio de Janeiro, ele me convidou para fazer *O Pagador de Promessas*, a ser filmado na Bahia. Disse a ele que, infelizmente, eu tinha acabado de assinar um contrato para participar como cantora do show Skindô, a ser apresentado no Copacabana Palace. "Você vai se arrepender", disse ele ao telefone, "porque o filme vai ganhar a Palma de Ouro!". "Tomara que ganhe", disse eu, "se o filme ganhar, irei até Cannes para festejar". E foi exatamente o que aconteceu, compareci a Cannes para festejar a premiação.

Em 1960, a senhora participa de uma produção argentina intitulada *Sábado a La Noche, Cine*, de Fernando Ayala. O que recorda das filmagens?

Fui maravilhosamente recebida na Argentina pelo diretor Fernando Ayala, que me hospedou no melhor hotel de Buenos Aires. Mas as lembranças que me ficaram desse filme foi aprender a dançar tango com o atraente produtor do longa, que dançava divinamente.

O escritor Nelson Rodrigues aparece em sua carreira em duas produções consecutivas, *Boca de Ouro* e *Bonitinha, mas Ordinária*. Qual a sua relação com a obra dele?

Eu me senti super à vontade para encarnar minha personagem "Guigu" no filme *Boca de Ouro*, dirigido por Nelson Pereira dos Santos, hoje, um imortal da Academia Brasileira de Letras. Mas, tive uma certa dificuldade para fazer uma cena no *Bonitinha, mas Ordinária* em que eu tinha que chorar na frente de minha irmã. Isso me fez descobrir que, quando não

conseguia entregar-me emocionalmente a um personagem, eu poderia usar de um estratagema: a técnica representativa. Fiz isso pela primeira vez e quando assistimos o roteiro da cena fui aplaudida pela equipe do filme.

Durante algumas décadas, *Noite Vazia* foi considerado um dos melhores filmes brasileiros em todos os tempos. O seu papel é um dos mais marcantes em sua filmografia. Fale sobre *Regina*, a sua personagem.

Ali está uma personagem a que me entreguei inteiramente, mesmo porque contracenava com Norma Bengell, que também se entrega inteiramente às personagens. Aliás, quando o filme concorreu no Festival de Cannes (N.R.: *Noite Vazia* competiu, em 1965, na seleção oficial de Cannes). O prêmio de atriz foi concedido para Samantha Eggar por sua interpretação em *O Colecionador*, de William Wyler), contaram-nos que íamos ser ambas premiadas como intérpretes, mas a atriz americana Olivia de Havilland, que fazia parte do júri, foi a única a votar contra, porque era puritana e achava o filme escandaloso.

Como foi seu trabalho com Norma no set de filmagem?

Foi ótimo, foi maravilhoso. Ela entrou completamente na personagem dela e eu, no meu – o que deu muito certo.

O trabalho com o seu ex-marido Antonio Carlos Fontoura rendeu duas grandes personagens: em *Copacabana Me Engana* e *A Rainha Diaba*. Como foi trabalhar com Fontoura?

Foi bom porque o Fontoura ouviu o que o ator tem a dizer a respeito do personagem. Deu tudo certo, embora o filme tenha sido feito com orçamento pequeno, fez um sucesso enorme de público e da crítica. Quanto ao *A Rainha Diaba*, Milton Gonçalves era o protagonista e teve uma atuação fantástica. Eu atuei como crooner de um cabaré na zona mais pesada que havia, a Praça Mauá, no Rio. Gostei de fazer o filme porque me deu a oportunidade de aparecer cantando, pois cantar sempre me foi prazeroso e o Fontoura sabia disso.

A segunda parceria de destaque em sua carreira foi com Glauber Rocha em *Câncer* e *O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro*. Glauber conseguiu extrair da senhora duas interpretações viscerais. *Câncer* é marcado pelo improviso. Fale sobre esses trabalhos.

Quanto ao *Câncer*, como você mesmo diz, foi de fato inteiramente improvisado. Numa linda tarde, quando eu ainda morava na Joatinga, ele passou num jipe para me pegar. Já estavam no jipe, Pitanga e Hugo Carvana, e Glauber me disse "Suba também que vamos fazer um filme experimental". Naquele tempo, na Barra da Tijuca não tinha nenhum arranha-céu ainda e via-se aquela amplidão de mar a perder de vista. Num certo momento, o jipe parou, Glauber pegou sua câmera na mão e nos levou até a areia da praia, Carvana, Pitanga e eu. "Iniciem uma cena", e eu perguntei: "E o script?"; e ele respondeu: "Não tem script nenhum, é improvisação. Vocês mesmos devem criar alguma cena entre vocês". Eu não sabia o que fazer, não tinha ideia nenhuma. Foi então, se não me engano, que Carvana teve a ideia de começar a estriar

com Pitanga, como se achasse que ele estava me paquerando. Ai, quando tive que falar, aproveitei para soltar todas as verdades que havia deixado de dizer aos meus namorados anteriores, na devida ocasião. Essa foi a maneira como consegui improvisar pela primeira vez na vida. *O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro* foi todo rodado em Milagres, numa praça perdida no tempo, na caatinga baiana. A primeira cena que tive que fazer, não existia no script: em torno de um fogão aceso com pedaços de lenha, Glauber pediu que eu e Carvana cantássemos *Carinhoso*, de Pixinguinha, coisa que não estava mencionada no script que eu havia estudadometiculosamente no dia anterior. Foi aí que a experiência que eu tinha tido anteriormente de improvisação, em *Câncer*, me salvou. Ainda em *O Dragão...* tive mais uma experiência relevante: a cena se passava numa praça tomada pelos muitos figurantes e eu, postada na porta de um bolequim, tinha que apunhalar o personagem do Carvana. Quando ele saiu, comecei a dar as punhaladas. E eu já tinha dado sete, oito, dez punhaladas – e não ouvia o 'CORTA!' do diretor. E eu pensava: "acho que o Glauber já mandou cortar e eu não ouvi, e eles estão se divertindo às minhas custas". Dei então um jeito de espiar através dos meus cabelos compridos e, para meu espanto, ele continuava filmando. Ele só disse 'CORTA' quando acabou o rolo de filme. Dei umas vinte punhaladas! E me lembro que nos jornais, sobre o Festival de Cannes, vinha a manchete: "Vinte golpes de punhal fizeram tremer o Festival de Cannes". Glauber levou o prêmio de melhor diretor nesse ano (N.R.: o filme competiu na seleção oficial, em 1969, com o título de *Antônio das Morte*). Ele era diferente, realmente. Tinha uma maneira única de dirigir.

A Estrela Sobe é ambientado na era das divas do rádio. A senhora interpreta Dulce Veiga e contracena com Betty Faria. Quais lembranças tem do trabalho com Bruno Barreto e Betty?

Trabalhar com eles também foi ótimo – o Bruno tem muita segurança na direção. Quanto a Betty, sempre fomos amigas, sempre nos demos muito bem – fora ou dentro do set de filmagem.

Após A Estrela Sobe, a senhora parte para um longo retiro em Friburgo, região serrana do Rio de Janeiro. Mas, quatro anos depois, em 1978, aceita o convite do cineasta Luiz Carlos Lacerda para atuar em um papel polêmico em O Príncipe do Prazer. Quais foram suas motivações para aceitar essa personagem e por que decidiu se afastar do cinema?

Eu não fazia o papel principal. Os protagonistas eram o Carlos Alberto Riccelli e Ana Maria Miranda. A produção foi até muito gentil comigo: respeitaram meu novo modo de vida oferecendo alimentos naturais, etc. Fiz esse filme para ver se eu ainda conseguia me interessar pelo cinema; conclui que não – já buscava novas coisas. Comecei a ler muito porque tinha tempo e juntei uma montanha de livros de interesses diversos, mas especialmente Psicologia, Física Quântica, Astronomia e Budismo.

Os convites para trabalho, tanto no cinema quanto na TV, foram inúmeros, porém poucos foram aceitos, como sua participação na novela O Dono do Mundo, de seu admirador Gilberto Braga. Apesar do seu grande talento e dos convites, por que não quis trabalhar com a mesma frequência de antigamente?

Porque eu estava num processo de vida completamente diferente, descobrindo novas verdades, novos valores e não me sentia apta a fazer um papel de relevância, por estar longe das câmeras há tanto tempo. O Gilberto Braga sempre foi muito gentil comigo – o maior gentleman que já conheci – sempre foi generoso e protetor para comigo. Sou eu a admiradora dele e de seu trabalho.

O que mudou na pessoa Odete Lara?

Tudo mudou – todos os valores mudaram. Eu gostava do trabalho em si, mas não da divulgação, publicidade e badalação. Tomei-me uma apreciadora da vida simples, sem consumismo. Descobri o valor e a beleza da natureza.

Como se definiria hoje?

Não gosto de me definir; mas alguns amigos me dizem que eu transitei por campos muito diversos: teatro, cinema, música (aliás, o tempo da Bossa Nova, eu considero que foi um dos melhores da minha vida), budismo, e que deixei um pouco de mim em cada um deles. Na verdade, colhi muito de todos esses campos, com certeza.

O cinema eterniza os grandes atores e diretores e a senhora, sem dúvida, foi imortalizada nas telas. Qual mensagem poderia deixar para os admiradores do seu trabalho?

Que sejam curiosos e se interessem por diferentes áreas, busquem novos conhecimentos através da leitura de bons livros e viagens, e que sejam felizes em suas escolhas.

Odete Lara é a atriz básica do cinema novo dos anos 60. Hoje em dia, há dois tipos de atriz: as bonitas e as boas atrizes. Odete foi a soma do talento com a beleza. E sempre com a grande fidelidade aos cânones do crítico do país, desde

Copacabana Me Engana, por Noite Vazia até O

Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro.

ARNALDO JABOR CINEASTA

UMA NOVA GRANDE ATRIZ

HERNANI HEFFNER

Pesquisador de cinema

Os primeiros anos de carreira cinematográfica da futura estrela Odete Lara não destoam significativamente da trajetória da maioria das jovens atrizes de sua época. Mesmo assim, aqui e ali, aspectos diversos vão chamando a atenção para o desabrochar de seu talento incomum. Lançada como mais um belo par de permas, e logo em seguida destinada à comédia ligeira e ao filme de gênero, soava como mais um rosto bonito em meio às tantas faces fotogênicas que os grandes estúdios trabalhavam desde os tempos da Cinédia. Notava-se uma maior firmeza na condução cênica. O que lhe faltava em espontaneidade no canto e números musicais, sobrava-lhe nas partes dialogadas. A voz em palavras sobressaía forte, limpida, incisiva, distante do acento melodioso, pausado, frágil das heroínas ou protagonistas brasileiras contemporâneas. O timbre grave lembrava à imprensa uma rediviva Marlene Dietrich (*O Anjo Azul*), comparação certamente acentuada por sua atuação em *Moral em Concordata* e pela reaparição momentânea da diva alemã em filmes como *Testemunha de Acusação* e *A Marca da Maldade*. O epíteto de *femme fatale* nunca foi tão enganoso e inadequado. Produto dos grandes estúdios dos anos 1950 – Vera Cruz, Cinedistri, Maristela, Atlântida –, tornou-se plena como atriz de grande intensidade e versatilidade dramáticas somente quando os trocou, e ao papel principal em *O Pagador de Promessas*, pela difícil composição da suburbana Guigui no rodrigueano *Boca de Ouro*, dirigido pelo “independente” Nelson Pereira dos Santos.

Odete Lara nunca cursou artes cênicas ou algo parecido. Seu curto período de “formação” vai de 1952 a 1957 e envolve moda, televisão e teatro. Seu currículo anterior, descontando a passagem como datilógrafa pela reitoria da Universidade de São Paulo, resumia-se a cursos de balé espanhol e modelo e manequim, como se dizia então. A passagem pioneira pelo mundo das passarelas lhe garantiria o ingresso na televisão como anunciadora. Por fazer as chamadas dos produtos dos patrocinadores de diversos programas da TV Tupi de São Paulo funcionava na prática como garota-propaganda. Este posto deve tê-la tornado famosa, pois a lança momentaneamente no mundo do cinema, com o curta publicitário *Um Lençol de Algodão*, dirigido, em 1954, por Benedito Junqueira Duarte para divulgar os produtos do Moinho Santista. E ainda o repete anos depois na abertura de *Absolutamente Certos*, sugerindo uma tradução imediata e familiar do mundo da televisão para os espectadores cinematográficos. Daí para os teleteatros, infantil e adulto, foi um pulo rápido, abrindo-se a oportunidade para um exercício cotidiano da arte de interpretar, quer fosse uma fábula como *Branca de Neve*, quer uma tragédia de Tennessee Williams.

Decisivo nesse momento é o encontro com uma geração notável de atores, com os quais divide o palco diante das câmeras da PFR-3, entre eles Dionísio Azevedo e Lima Duartes. Esta foi sua verdadeira escola e prova de fogo. Destacar-se por qualidades interpretativas mais salientes era improvável, evoluir para um

domínio de suas potencialidades, um verdadeiro desafio.

A oportunidade para o primeiro salto chegou com o convite do diretor Adolfo Celi para participar da peça *Santa Marta Fabril S. A.* A personagem era secundária, Nenê Paraiso, mas a companhia, do mais alto prestígio, o lendário Teatro Brasileiro de Comédia – TBC. A aura de escândalo que cercou a montagem, por certo, garantiu-lhe uma visibilidade ainda maior. Espectador privilegiado, o autor do texto, Abílio Pereira de Almeida tivera expressiva passagem pela Companhia Cinematográfica Vera Cruz e assumira a direção de sua sucessora, a Companhia Cinematográfica Brasil Filme. Sempre em busca de novos talentos, ofereceu a Odete sua real oportunidade de ingressar no cinema com a comédia *O Gato de Madame*. Era um veículo para o astro Mazzaropi, mas sua presença se dava na condição de primeiro nome feminino do elenco, interpretando a madame do título. Talvez fosse possível construir um contraponto ao estilo do caipira já famoso, quem sabe à maneira de uma Sônia Mamede, mas Odete toma outro rumo. Sua composição é sóbria, discreta e até mesmo “pouco cômica”. Nesse sentido, desloca do padrão mais exuberante e marcado deste tipo de cinema. Pode-se notar, no entanto, um domínio consciente da cena, quando esta o permite. Apresentada à primeira cena como um belo colo e colocada em posição coadjuvante na maior parte do filme, impressiona por sua juventude, por estar deslocada do papel e por aproveitar os cantes de cena para interagir firmemente com a ação central, como na sequência em que o verdadeiro ladrão das jóias incrimina o caipira. Um plano em particular a destaca, pois é seu olhar, em vez de seu corpo, que dilata o ritmo da cena e sua organização formal. Uma troca sábia do histrionismo pelo gesto contido e justo.



Odete Lara e Maria de Lá Costa

Moral em Concordata

A carreira cinematográfica prossegue em paralelo à teatral, mas com crescente ascendência. Os estúdios descobrem-lhe a beleza, sensualidade, presença cénica e encaixe na velha lei dos tipos. Uma mocinha perfeita para brilhar à sombra dos grandes nomes, um Anselmo Duarte, uma Dercy Gonçalves. Mesmo após o reconhecimento artístico pela performance em *Arara Vermelha*, pelo qual ganhou os dois principais prêmios de interpretação da época, o *Saci* e o *ABCC*, os papéis que lhe são oferecidos não variam muito e não saem daquele padrão. Mesmo com o nome em destaque nos créditos iniciais, o que se vê de fato é a escada ou o par romântico para os astros de plantão da chanchada. Como não se encaixa nessa escola de interpretação, egressa do circo, do teatro de revista e do próprio cinema cômico brasileiro, passa como que crescente e discretamente apercebida. O que a revela ao próprio meio é o domínio do quadro, muito provavelmente construído no contínuo exercício da televisão ao vivo. O outro fator positivo liga-se a uma nova ideia de juventude que talvez inconscientemente encarne. Não há a desenvoltura e a espontaneidade exibidas por uma Dôris Monteiro em *Aguilha no Palheiro*, marco absoluto de uma interpretação moderna à época. Os traços, o porte, o tom firme de voz e um certo ar de independência, porém, emprestam à Odeete um quê de novo, que os filmes desse conjunto inicial trabalham como algo até certo ponto negativo. Suas personagens algo misteriosas assustam, agridem, intrigam. Algo se esboça, mas só explodirá na década seguinte.

Se como mocinha à moda anfíga a interpretação de Odeete Lara não convence, a performance como vigarista moderna logo revelará o vulcão por trás da face quase pétreia. A condição feminina começa a vir para linha de frente, ainda envolta em papéis de prostituta, como em *Moral em Concordata* e, sobretudo, *Mulheres e Milhões*, veículo que promoveu a santíssima trindade feminina dos anos 1960 ao estrelato absoluto. Odeete figura aqui já na condição de uma "veterana", assumindo uma "participação especial" ao lado das protagonistas Gláucia Rocha e Norma Bengell. Seu inconformismo artístico e existencial, dentro e fora das telas, precedeu discretamente o de toda uma geração e encontrou em Walter Hugo Khouri e, em *Na Garganta do Diabo*, a primeira grande tradução. O filme que encaminha essa passagem da jovem artista tímida à mulher desinibida, da personagem em princípio definida por sua condição e posição na sociedade à que repensa e revê seus valores, e do ícone que rejeita o papel de cópia em favor de uma nova identidade cultural é *Absolutamente Certo!*, dirigido por Anselmo Duarte em 1957. Tido como uma tentativa de renovação de uma chanchada já próxima do esgotamento, o filme parece se desenhar como um veículo para Odeete, que inclusive recebe um crédito de destaque como primeiro nome feminino do elenco. Curiosamente, seu papel é o da vilã não muito interessante e com certo coração mole. Sobre ela também incidem muitos clichês, mas ao fim e ao cabo o que ocorre é que ela não passa despercebida, nem pela performance, nem pelas questões que perpassam sua personagem.

Odeete interpreta a garota propaganda de um famoso programa de perguntas e respostas da televisão e também a garota de programa do mafioso de plantão. Em um primeiro momento, o filme a propõe como uma nova Eliana, aspecto reforçado pela presença de Anselmo ao seu lado ao longo do filme. Soa particularmente forte esta proposição no primeiro número musical e em como iluminação, maquiagem, figurino a constroem nesse sentido. Odeete poderia ter assumido o posto da rainha e talvez não seja estranho pensar em um duelo surdo entre as duas, por conta de performances como roqueiras no filme de

Anselmo e na resposta a ele, *Alegria de Viver*, no qual Eliana radicaliza como um Elvis de saias. Mas *Absolutamente Certo!* quer se afastar do cânone, construir algo diferente, ter uma fatura mais consistente. A obra oscila, como oscilará a interpretação de Odeete, desfazendo-se rapidamente a mocinha cantora, para entrar em cena a sedutora e arrivista, mas sem acentos melodramáticos mais salientes. Odeete não assume de todo o estereótipo, não aceita de todo as marcações de cena mais típicas do gênero, não reproduz uma imagem à qual o Brasil estava acostumado. Esta estranheza, derivada mais da contenção do que da construção, pode ser encarada como o começo de uma outra forma de interpretação moderna no Brasil. Uma escola indefinida em seus fundamentos e pressupostos, mas de sólida base técnica em seus resultados. Oscilando entre um e outro começou a se forjar a nova grande atriz.

Um dia, antes de chegar aos dezoito anos, eu tive uma visão. Andava, assim, distraído pela praia de manhã procurando nada. Ela estava lá, dando sentido a tanta areia e mar. Inventando as curvas. Eu repeti pra mim um poeta que dizia 'jamais me esquecerei deste acontecimento na vida das minhas retinas' ainda não fatigadas. Eu vi Odeete Lara. E fiquei feliz desde então.

JOSE WILKER
atriz

UMA ATRIZ RODRIGUEANA

LUIZ FERNANDO GALLEG

Psicanalista e crítico de cinema

Os dois primeiros filmes realizados com base em peças de Nelson Rodrigues foram *Boca de Ouro* (1962) e *Oto Lara Resende ou... Bonitinha, mas Ordinária* (1963). Em ambos, Odete Lara interpretou o principal papel feminino.

Em *Boca de Ouro*, ela é "Dona Guiui", personagem que conta para um repórter (e para o espectador) três versões diferentes sobre um mesmo episódio na vida do bicheiro que dá título ao filme. Dirigido por Nelson Pereira dos Santos, não era um projeto autoral do cineasta, mas uma tarefa profissional como diretor contratado.

Foi com o título menos longo de *Bonitinha*, mas *Ordinária* que ficaram conhecidas a peça e a versão para o cinema na qual coube à atriz o papel de "Ritinha", uma das raras criações de Nelson Rodrigues a quem o enredo destina um final esperançoso. O filme de 1963 foi assinado por um tal Billy Davis (mas a direção também é atribuída a J.P. de Carvalho).

Boca de Ouro e *Bonitinha...* são duas das oito peças agrupadas como *Tragédias Cariocas* do maior nome de nossa dramaturgia e chegaram pela primeira vez ao cinema seguindo de perto a esteira do sucesso teatral das encenações originais para o palco. Os filmes também pretendiam aproveitar o "sucesso de escândalo" ligado ao nome do escritor desde a década de 1940, sendo que a iniciativa dessas transposições para a tela foi do ator Jece Valadão – que faz o personagem-título de *Boca* e "Edgar", o protagonista masculino do outro filme.

O resultado cinematográfico dessas duas versões é bem diferente. Ainda que não particularmente interessado na obra de Rodrigues, Nelson Pereira fez adaptação e roteiro como um profissional já experiente, atingindo resultado apreciável na *mise-en-scène*, considerando que a história se passa quase que apenas em interiores. Pode-se pensar que tal ambientação fechada seria óbvia pela origem teatral do enredo, mas não nas peças de Nelson Rodrigues, sendo que estudiosos de sua obra compararam a estrutura de vários de seus textos à de peças (que ele nem conhecia) do teatro expressionista alemão: cenas curtas e mudança frequente de ambientes.

Essa é uma característica de *Bonitinha...* – e tais aspectos podem induzir à idéia de que tal formato já teria uma natureza cinematográfica intrínseca e adequada à adaptação para película com seus cortes e montagem. Mas essa hipótese ingênua pode levar a uma concepção realista/naturalista que empobrece a complexidade de obras como a de Rodrigues, onde é indissociável a forma – mais insólita do que traduzindo a "realidade" – e o conteúdo – que igualmente nunca é apenas "a vida como ela é". Isto fica comprovado mais ainda em suas "peças miticas" - como *Álbum de Família*.

A chamada "suspensão da descrença" para mergulhar em um universo ficcional é mais exigida do espectador que assiste a um espetáculo teatral do que na sala de cinema. Como está em Shakespeare,



Bonitinha mas Ordinária

**Foi um grande
prazer trabalhar
com ela (em
Boca de Ouro).
Ela sabe
aprofundar o
personagem. Ela
possui uma
formação que
vem de dentro
passando pela
barriga, cabeça
e coração. O
filme permanece
até hoje por
causa dos
atores: Jece
Valadão e Odete.**

NELSON
PEREIRA DOS
SANTOS
creatis

para encenar uma peça pode-se recorrer apenas a "duas tábuas" (para o palco) "e uma paixão" – até mesmo para cenas de tempestades ou de batalhas. O espectador deve aceitar e participar do jogo teatral: "assim é se lhe parece" pode ser a definição da diegese teatral – e as rubricas de Nelson Rodrigues muitas vezes indicam palco vazio, seja para cenas de rua ou de interiores, assim como o uso de simples cadeiras para representar veículos em movimento, além de outros recursos nada concretos para cenografia.

Ao filmar *Boca de Ouro*, Nelson Pereira não caiu na armadilha (frequente em cineastas menos inspirados quando adaptam textos originados do palco) de buscar exteriores a qualquer preço para tornar o filme "mais cinematográfico" (como se filmar em interiores fosse obrigatoriamente algo mais "teatral" e "menos cinema").

Já a principal questão da primeira versão para a tela de Bonitinha... não foi a de rodar em ruas, praças ou estradas as cenas que na peça já se passam em "exteriores". O questionável é a concepção geral de uma cláve "naturalista" que tende a diluir a proposta metafísica de Rodrigues quando atualiza a máxima dostoievskiana "se Deus não existe, tudo é permitido" para uma tirada atribuída ao escritor Otto Lara Resende, segundo a qual "o mineiro só é solidário no câncer". Daí, o título completo ter o nome de Otto – que surge com um só "t" nos créditos.

O desafio que o escritor joga sobre suas criaturas, "Edgar" e "Ritinha" será o de desdizer que "tudo é permitido". Ou melhor ainda, provar que o ser humano não é solidário apenas no câncer... alheio.

Bonitinha... talvez não esteja entre as melhores tragédias cariocas do autor por ser uma peça de tese excessivamente enfatizada. Sua penetração popular vem dos ganchos (melo)dramáticos que envolvem estupro, prostituição, bacanais e outros lances de enredo levados ao paroxismo e ao grotesco que atiçava fantasias reprimidas da mentalidade burguesa e da classe média daquele tempo. Hoje em dia, um tratamento naturalista desses aspectos comeria o risco do ridículo – ainda que assumir o ridículo dos excessos possa propiciar uma nova roupagem, por exemplo, "almodovariana".

Se Bonitinha... – a peça – pode ser questionada em tais aspectos, *Boca de Ouro* é considerada uma das melhores realizações do autor, comparável mesmo a *A Falecida*, inclusive na obsessão com a morte enfeitada por um enterro de luxo: o personagem "Boca", além de ter dentes de ouro, quer ser enterrado em caixão de ouro.

Apesar da originalidade "carioca" (ou brasileira) de *Boca de Ouro* – deve ter sido difícil quando a peça estreou, e mais ainda quando foi levada às telas, não considerar alguma influência do cinema no recurso de apresentar o mesmo episódio de três modos diversos. A lembrança imediata é a de *Rashomon*, de Akira Kurosawa, ainda que no filme japonês e no conto que lhe deu origem, as diferentes versões do mesmo fato sejam dadas por diferentes narradores. Mas em *Boca de Ouro* é a mesma "Dona Guigui" que, a cada estímulo externo, modifica a narrativa básica que envolve o bicheiro e um casal jovem que pretende se beneficiar da riqueza do contraventor – podendo surgir outras personagens a cada mudança de rumo do que é contado por "Guigui".

Assim sendo, a personagem vivida por Odete Lara no cinema é fundamental para a estrutura formal e para o desenvolvimento dramático do enredo: "Dona Guigui" já foi considerada como uma espécie de coautora da trama, já que quase tudo que o espectador vê se origina da(s) narrativa(s) desta Sherazade inconfiável. A figura do unreliable narrator – o "narrador inconfiável" – tem sua expressão máxima em nossas letras na criação de Machado de Assis para *Dom Casmurro*: desde que se percebeu que o "autor" da narrativa era um personagem a quem interessaria contar os fatos de modo a introduzir sua própria interpretação sobre eles, passamos a não ter a mesma certeza sobre o adultério de Capitu. Não é o caso de duvidar que o personagem "Boca de Ouro" não seja um marginal perigoso. O que pode até ficar em dúvida é o papel de "Guigui" na vida do "Boca" – e até no que teria acontecido ao casal que vai buscar auxílio financeiro junto ao bicheiro. E é nessa ambiguidade que encontramos uma das melhores interpretações de Odete Lara.

LONGA JORNADA NOITE ADENTRO

DANIEL SCHENKER

Critico de cinema e teatro

Noite Vazia bate na tela como um filme de metades contrastantes e complementares. Walter Hugo Khouri destaca, de um lado, a urbanidade de São Paulo através de panorâmicas de paisagens formadas por prédios altos, austeros e pelo movimento dos carros e dos ônibus elétricos; de outro, valoriza os ambientes fechados, um bar e uma garçonnière (onde se desenrola a maior parte da ação). Nesse trânsito entre espaços externos e internos impera o jogo claro-escuro da fotografia de Rudolf Isay.

Essa mesma divisão é evidenciada na construção dos personagens. Homens em busca de relações descartáveis, pelo menos numa perspectiva mais imediata, Luis (Mário Benvenuti) e Nelson (Gabriele Tinti) revelam comportamentos distintos. Enquanto o primeiro mantém postura mais bruta no tratamento com as mulheres, o segundo apresenta perfil introspectivo, frequentemente melancólico. A mesma divisão pode ser detectada nas personagens das garotas de programa, Regina (Odele Lara), implacável no trato com a realidade, e Mara (Norma Bengell), mais romântica e passiva.

À medida que a projeção avança, os pares mais sintonizados se aproximam, com melhor resultado para a integração entre Nelson e Mara do que para Luis e Regina, que não evitam embates constantes. Muito ocasionalmente, os personagens tentam, sem sucesso, trocar de papéis, como na cena em que Nelson toca Mara de maneira um pouco mais agressiva. Remete à abertura do filme, formada por uma sucessão de máscaras coroadas, deformadas pela passagem do tempo.

Na direção, Walter Hugo Khouri, cineasta relacionado com constância a Michelangelo Antonioni (*A Noite*) e Ingmar Bergman (*Gritos e Sussurros*), evita explicitar mais do que o necessário. Na longa jornada noite adentro, os personagens pouco discutem. Há mistérios que atravessam as imagens de *Noite Vazia*. Um exemplo: a cena em que Regina sussurra palavras inaudíveis. Os quatro protagonistas não precisam verbalizar para trazerem à tona as suas naturezas assombradas, realçadas pela partitura sonora do filme, cujo ápice se dá na sequência catártica da tempestade.

Khouri potencializa a imagem dos atores através de closes em rostos e, sobretudo, nos olhos. Sobressaem as figuras de uma imponente Odele Lara, que projeta a frustração de uma personagem pragmática, e de uma doce Norma Bengell, que sustenta, em alguma medida, a esperança de travar vínculos delicados, mesmo na alta rotatividade dos relacionamentos de ocasião. Entre as sequências que permanecem estampadas na lembrança após o término da exibição, cabe chamar atenção para a de Regina e Mara desaparecendo nas ruas de São Paulo depois de deixadas por Luis e Nelson.



Norma Bengell e Odele Lara
Noite Vazia

AMOR E AMIZADE

LEONARDO LUIZ FERREIRA

Jornalista, crítico e cineasta

Em meio aos preparativos finais para rodar o seu nono longa-metragem, *Somos Tão Jovens*, o cineasta Antônio Carlos Fontoura deixou um pouco de lado o projeto sobre a juventude do cantor Renato Russo, da Legião Urbana, para contar histórias e relembrar momentos marcantes de Odete Lara, que de ex-mulher se tornou uma amiga para toda a vida: "Odete é uma atriz excepcional, que dominava o meio cinematográfico como ninguém. Ela tem noção da lente, da câmera e da luz em um set de cinema. Esse perfeito domínio técnico gerou um diferencial em sua carreira. Ao ter o controle do espaço cênico, ela sabia como e onde usar a emoção, enquanto que os jovens atores de hoje nem sabem onde a câmera está posicionada".

Durante os seus primeiros anos de formação, Fontoura se dedicou à carreira de ator e trabalhava em peças do Centro Popular de Cultura (CPC), sobretudo no teatro de rua. Quando o CPC foi extinto, em 1976, a maioria dos artistas migrou para o Teatro Opinião, que influenciou a arte brasileira como um todo. Mas, nesse momento, ele decide apostar na carreira cinematográfica e começa a realizar seus próprios filmes, curtas-metragens documentais com interesse sobre o processo de criação, entre eles *Ver e Ouvir*, que aborda o trabalho dos artistas Roberto Magalhães, Antônio Dias e Rubens Gerchman. Nessa época, os curtas ainda tinham retorno comercial no Brasil, tanto como projetos encomendados ou pelas vendas para exibição. Só que, ao mesmo tempo, Antônio Carlos não deixou de frequentar o teatro e visitar os amigos. Após uma apresentação da peça *Liberdade, Liberdade*, de Millôr Fernandes e Flávio Rangel, um musical que criticava a repressão imposta pelo golpe militar de 1964 e um grande sucesso desse período, ele fica impressionado com a intensidade da interpretação da atriz Odete Lara, que nesse momento era uma estrela ascendente no meio artístico. Após alguns encontros e a descoberta de gostos em comum compartilhados em festas e bares, iniciaram um namoro de três anos. "Eu tinha apenas 25 anos e saí da casa de minha mãe para a dela. Foi um momento bacana e especial na minha vida. Ela era um mito no cinema e eu apenas um jovem artista. Passei a frequentar as festas da bossa nova e a me relacionar com os grandes nomes dessa época áurea da música brasileira, entre eles Tom Jobim e Vinícius de Moraes. Pensando nos dias de hoje, acho que a Odete ficou comigo porque nós conversamos sobre cinema, teatro, literatura e a vida. Algo bem diferente dos homens que passavam cantadas nela diariamente", declara Fontoura em tom nostálgico. E sua ligação com a música não parou nesses encontros, ao ouvir um samba de um jovem chamado Chico Buarque se encantou e pediu a ajuda de Hugo Carvana, que contracenava com a Odete, para produzir um show, depois intitulado *Meu Refrão*, em que a atriz exibia seus dotes vocais: "alugamos uma boate e ficamos um bom tempo em cartaz com um dos espetáculos de sucesso da cidade".

O longa de estreia de Fontoura, *Copacabana Me Engana*, vencedor do prêmio de melhor roteiro no

A Série Bala



**Odete é o que
chamamos de
‘um bicho do
cinema’. Mesmo
tendo origem na
televisão, feito
teatro, shows e
gravado discos, é
no cinema que
está seu grande
casamento.
Vendo hoje filmes
dela, vejo que
muitos de nós
temos a atuação
“envelhecida”.
Não Odete.
Jovem para
sempre!**

DANIEL FIUJO
ATOR E CINESTA

Festival de Brasília, tem uma vibração juvenil na realização, mas que encanta pelo olhar maduro para com os ritos de passagem de um jovem em busca de direcionamento na vida, e que encontra o amor em uma mulher mais velha. O roteiro é autobiográfico e nele Antonio Carlos mescla histórias pessoais com seu relacionamento com Odete Lara: “o que posso afirmar hoje é que sem a Odete Lara não existiria Copacabana Me Engana, porque ela ajudou demais para que o filme fosse realizado e bem recebido pelo público e crítica. Até mesmo conseguiu patrocinadores efetivos para o projeto sair do papel. Quem ela convidou, entrou no filme. Por isso, consegui reunir um elenco de peso, com participações de Claudio Marzo e Paulo Gracindo. O seu nome abria portas. Ela chegou a se fantasiar com um vestido com o desenho das calçadas da praia de Copacabana para gerar comentários sobre a produção”. O filme, que inicialmente se chamava Corpo Fora, marca a primeira vez que Fontoura adentra um set de filmagem, já que antes só havia dirigido documentários. A certeza de que estava no caminho certo vinha da observação e estudo dos longas de outros realizadores que assistia compulsivamente nas salas de cinema. “O Copacabana Me Engana é um filme em fálias, em que vemos momentos da vida do personagem interpretado por Carlo Mossy e sua relação com a família, amigos e amante. Ele é um jovem conquistador que se apaixona pela vizinha de prédio, uma mulher desencantada com os homens. Acho sinceramente que é o melhor papel da Odete no cinema, no qual ela mergulhou mais fundo tanto como atriz quanto para divulgar o trabalho”, registra o cineasta, que confidencia que a própria Lara foi cenógrafa e figurinista da sua personagem, já que não havia essa função na produção, e levou as suas próprias roupas para as filmagens, além de arrumar o apartamento em que atuava à sua feição. “Copacabana Me Engana tem semelhanças e inspiração em Juventude Transviada, do Nicholas Ray, e no espírito dos anos 60. Já A Rainha Diaba vai em uma linha totalmente diferente. Eu não me considero cineasta, faço filmes, que são tão diferentes entre si que parecem que foram dirigidos por outras pessoas”.

Após a separação, eles continuaram amigos e manteram uma estreita relação: Odete trabalha com Glauber Rocha (O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro), Cacá Diegues (Os Herdeiros e Quando o Carnaval Chegar), entre outras produções de prestígio; e Fontoura segue com sua carreira, sem ainda ter definido qual seria a sua segunda incursão cinematográfica. Aos poucos, ele matura a ideia de um projeto

que envolvesse drogas e violência: “estava com essa história fixa na cabeça, mas não conseguia desenvolver o argumento”. Então, mais uma vez, Odete contribui para que ele fosse realizado: ela apresenta Fontoura ao escritor Plínio Marcos, de Dois Perdidos Numa Noite Suja, que faz um conto em apenas quatro dias que serve de inspiração para o roteiro de A Rainha Diaba: “diferentemente do que as pessoas imaginam, A Rainha Diaba, que integrou a prestigiosa Quinzena dos Realizadores do Festival de Cannes, não é inspirado na história de Madame Satã (transformista marginal da Lapa, no Rio de Janeiro, no início do século XX). Colocar um homossexual chefiando uma quadrilha de traficantes foi sugestão do próprio Plínio e eu acabei. Não tínhamos um embasamento na realidade. Nesse projeto consegui realizar um sonho antigo que era colocar a Odete cantando no cinema. E ela faz isso com brilhantismo em duas canções”.

A Rainha Diaba é uma das últimas participações de Odete Lara no cinema, que parte para um retiro em Friburgo num sítio indicado pelo próprio Fontoura: “Odete Lara vivia a personagem e sofria muito com isso. Ela amava o cinema e entendia o ofício, mas o que a deixava insatisfeita era a rotina de gravações. Pensando bem, acho que lhe faltava a devoção necessária para trabalhar como atriz. Ela queria transcender os momentos difíceis, fez anos de análise e partiu para uma busca espiritual. Somente com o retiro ela encontrou essa paz e teve o florescimento intelectual que tanto almejava. Odete Lara será sempre a Greta Garbo do cinema brasileiro para seus admiradores, mas para mim é uma grande amiga e que contribui decisivamente para a minha carreira”.

A FÚRIA DE ODETE

DANIEL CAETANO

Cineasta, professor e crítico de cinema

Glauber Rocha rodou *Câncer* quase simultaneamente a *O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro*, mas sua finalização demorou bem mais tempo – somente quase cinco anos depois o cineasta deu por terminado o seu filme proto-udigrudi, que logo ele diria ser “o primeiro e único filme underground” de 1968. Os filmes estampam aquilo que o cronograma das datas sugere: enquanto *Câncer* é um filme produzido de forma bastante precária, *O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro* tem uma estrutura de realização bastante sofisticada, sendo uma co-produção entre Brasil e França feita com uma equipe formada por técnicos renomados. Neste, chega a parecer que nada acontece sem ter sido planejado, enquanto *Câncer* transmite a cada instante a sensação de improviso e espontaneidade. Sendo assim, apesar de terem sido feitos pelo mesmo realizador na mesma época, estes dois filmes são quase opostos na forma com que se originam e se definem. Glauber Rocha usa em ambos os filmes o procedimento de planos longos, mas a estratégia não poderia ser usada de maneiras mais distintas, conforme o estilo de cada filme: enquanto em *Câncer* a construção das personagens sobressai a partir do recurso explícito de improvisos dos atores, em *O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro* cada ator parece se mover e inflexionar a voz exatamente conforme havia sido planejado, determinado e ensaiado.

Desse modo, cada um dos filmes exige do espectador que aceite a relação proposta. Pessoas menos dispostas a verem as possibilidades do desenvolver de um enredo e do aprofundamento dos personagens se esvaindo a cada plano podem ter sérios problemas de sintonia com *Câncer*; já aqueles que se irritam com qualquer espécie de construção explícita, detalhista e pesada de um estilo artístico, possivelmente, terão verdadeira ojeriza a *O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro*. Isso já deu motivo para discussões e embates que não estão mumificados. Ainda ressoa a crítica feita por Rogério Sganzerla, diretor do clássico *O Bandido da Luz Vermelha*, ao excesso de preciosismo de *O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro* na célebre entrevista ao Pasquim concedida por ele e Helena Ignez em 1969.

Mas o filme ainda pode emocionar e impressionar pela sua ambição assumida, o seu desejo de arte – como segue a ocorrer com tantas outras obras, como, por exemplo, os filmes de Eisenstein (*O Encouraçado Potemkin*), modelo fundamental para Glauber Rocha, que também apresentam esse mesmo peso das escolhas estéticas e narrativas.

De forma nada sutil, *O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro* pretende resumir o contexto dos conflitos sociais brasileiros causados pela pobreza e pelo domínio das classes altas sobre a população carente através da violência. Não é uma ambição pequena e, de certa maneira, Glauber Rocha usa aqui, com mais controle, recursos expressivos bastante parecidos aos que já usara em *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, como a narração apresentada no formato do cancionero popular e a estilização não

O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro



**Odete Lara é
uma deusa do
cinema
brasileiro, de
uma beleza
fulgurante e de
notável talento
que nunca
esconderam a
mulher
inteligente e
inquieta, que só
podia mesmo
percorrer o
caminho da
iluminação.**

RUBENS EWALD
FILHO
CRÍTICO DE CINEMA

naturalista da performance dos atores. Ao final, o discurso do filme se torna claro e impactante. Talvez por isso artisticamente poderoso, ou talvez não. A isso, o julgo de cada um a cada dia. Decerto não é um filme para ser visto com qualquer disposição pessoal: *O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro* é um longa que exige do espectador o interesse e, quicá, o deslumbramento por seu estilo. Quem não comprar esse peixe pode se juntar à crítica formulada já na época por Sganzerla. *Câncer* também exige do espectador alguma disposição e curiosidade, se não por outros motivos, ao menos por alguns problemas de ordem técnica no som, cuja gravação foi feita numa rotação diferente da imagem, em algumas cenas. Mas essas falhas podem ser vistas até como um trunfo do filme, um desculpo divertido e charmoso provocado pela sua precariedade. Em *Câncer*, os dois malandros, que são personagens centrais, podem parecer confundir as suas características em vários momentos, mas isso também pode ser uma ilusão, já que o filme explicita que são também mentirosos. Em um filme recheado de participações especiais surpreendentes (Rogério Duarte, Hélio Oiticica, Eduardo Coutinho, entre outros), é notável como são ressaltados os espíritos cénicos dos atores centrais: Hugo Carvana, Antônio Pitanga e Odete Lara. *Câncer* usa e abusa das suas personagens, ecoando bastante o cinema de um John Cassavetes (de cujos filmes vale apontar, Glauber Rocha nunca procurou aproximar os seus). Ainda que seja bastante próximo do que Julio Bressane estava fazendo na mesma época (*O Anjo Nasceu e Matou a Família e Foi ao Cinema*), de certo modo, *Câncer* parece ser o parente direto e perdido no Brasil da famosa primeira versão "improvizada" de *Shadows*, o filme de estreia de Cassavetes.

O realizador de *Câncer*, ao contrário do de *O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro*, parece buscar o tempo todo o incômodo e a surpresa no rosto dos seus atores, às vezes induzindo-os à exasperação ao longo do plano. Nesse sentido, vale atentar, por exemplo, para o longo momento de silêncio ao final de um close de Hugo Carvana, em que esse parece ter sentido "fechar o plano" e se vê levado a sustentar a interpretação enquanto a câmera não corta.

Comentei acima que os personagens parecem oscilar em meio a uma trama que se dilui, mas isso acontece, sobretudo, com as figuras masculinas. A própria Odete Lara, com sua força cénica, parece ter servido de inspiração para o personagem que o filme lhe propõe: segundo ela diz numa das melhores cenas do filme, trata-se de uma atriz de

sucesso. Uma atriz que explicita sua necessidade de trabalhar para viver e que se sente incomodada com o machismo presente na sociedade, que censura a sua sexualidade. Em suma, uma personagem que fala de questões bastante fortes e presentes na época – afirmando essas coisas com uma sinceridade que tira qualquer ar de panfletarismo ou de registro dos costumes (duas pragas que estragaram muitas cenas em tantos filmes).

Odete Lara já havia passado por estruturas e momentos hoje clássicos do cinema brasileiro, como o cinema industrial paulista em *Moral em Concordata*; as chanchadas com Carlos Manga em *Cacareco Vem Aí*; os filmes densos de Walter Hugo Khouri, como *Na Garganta do Diabo* e *Noite Vazia*; e aproximou-se dos cinemanovistas pelo caminho menos provável: os filmes de Jecé Valadão, que a incluiu, entre outros longas, em *Boca de Ouro*, a adaptação que Nelson Pereira dos Santos fez de Nelson Rodrigues. Talvez hoje Nelson Pereira não se sinta mais próximo daqueles então jovens do Cinema Novo, mas naquela época era a figura mais próxima que eles tinham de um mestre. Depois destes dois filmes com Glauber Rocha, ela ainda trabalhou com dois outros cineastas do grupo: Cacá Diegues em *Os Herdeiros* e David Neves em *Lúcia McCartney*.

Sua presença é fundamental para estes dois filmes de Glauber Rocha. Em *O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro*, sua personagem faz ressoar a de Helena Ignez em *O Padre e a Moça*, de Joaquim Pedro de Andrade, mas a fúria que ela mostra é de ordem totalmente diversa, com direito a banho de sangue. A beleza de Odete, seu olhar de esfinge e o polêmico vestido lilás, que ajudava a sustentar as críticas ao peso da direção de arte (certamente não tanto quanto o lenço vermelho que impuseram ao pescoço de Antônio das Mortes), tudo isso dá à sua figura uma aura dramática que chega a ser assustadora no meio da cidadelinha que serve de espaço para as cenas ultra-estilizadas do filme. Já em *Câncer*, essa mesma beleza parece se tornar natural, parte de um mundo (e não uma afronta a ele), capaz de resmungar sobre a vida, fumar um baseado e rolar na areia aos risos com Pitanga. Em comum entre interpretações tão diferentes quanto os filmes exigiam, somando-se ao talento de atriz, há, sobretudo, aquela característica rara e misteriosa que costuma ser chamada de carisma.

PROFISSÃO: ATRIZ DE CINEMA

JOÃO JUAREZ GUIMARÃES

Curador da mostra Odete Lara, Atriz de Cinema

Odete Lara estreou no cinema, em 1956, no longa *O Gato de Madame*, de Agostinho Martins Pereira, e seu último filme é considerado *O Princípio do Prazer*, de Luiz Carlos Lacerda, título de 1979. Em 1985, Odete fez uma pequena participação em *Um Filme 100% Brasileiro*, de José Sette. Além disso, imagens suas de arquivo foram usadas em *Vai Trabalhar Vagabundo II – A Volta*, de Hugo Carvana (1991), e nos documentários *Barra 68 – Sem Perder a Ternura*, de Vladimir Carvalho (2001) e *Glauber, O Filme – Labirinto do Brasil*, de Silvio Tendler (2003). Em 2006, Odete Lara deu um depoimento para o documentário *Adolfo Celi, Um Uomo Per Due Culture*, de Leonardo Celi, produção europeia sobre o ator e diretor de cinema e teatro italiano com quem ela conviveu durante a estadia de Celi no Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), no qual a atriz brasileira também trabalhou.

Se considerarmos que a carreira cinematográfica de Odete Lara vai do filme de 1956 à produção de 1979, computamos 23 anos de atividade nos quais ela atuou em 32 títulos, uma média de mais de um filme por ano. Cifra nada modesta, que a revela como uma trabalhadora incansável. Houve anos em que a atriz participou de até três longas-metragens. E ela ainda sempre esteve envolvida com teatro, televisão (em que atuou em novelas) e música (fez shows e gravou discos).

Odete admite que a obsessão pelo trabalho estava ligada ao suicídio dos pais e, em entrevista de 2009, comentou: "superei o trauma, na época, tamanha era a quantidade de trabalho que me aparecia: cinema, TV, teatro. Liberei toda minha emoção no trabalho, principalmente quando a personagem sofria".

Odete Lara é conhecida por sua participação em filmes de grandes nomes do cinema brasileiro como Cacá Diegues, Glauber Rocha e Nelson Pereira dos Santos, com quem atuou em alguns de nossos clássicos, apesar de ser conhecida como "milo do Cinema Novo", a atriz foi muito requisitada por cineastas de carreira menos vistosa que os citados e com quem fez a maioria de seus filmes.

Entre os autores menos divulgados com quem Odete Lara trabalhou, reluz um cerlo Billy Davis, diretor da versão de 1963 de *Bonitinha, mas Ordinária*. Se, à primeira vista, o estrangeirismo do nome sugere um autor americano (no ano seguinte Odete viria a trabalhar com um americano de verdade, o respeitável profissional de cinema Paul Sylbert, em *Pão de Açúcar*, coprodução entre Brasil e Estados Unidos com o íatn lover Rossano Brazzi, a dublê de patinadora e atriz Rhonda Fleming e o cantor Neil Sedaka no elenco) ou inglês, mas uma rápida pesquisa esclarece que o nome pouco comum é na verdade pseudônimo do brasileiro J.P. de Carvalho, um múltiplo atílico do cinema nacional nas décadas de 1960 e 1970.

J. P. de Carvalho trabalhou como ator, sempre em papéis secundários, em 27 títulos, começou a carreira nas chanchadas e posteriormente atuou em filmes importantes do Cinema Novo (*Os Fuzis* e *A Falecida*). Foi ainda produtor de seis longas respeitados (*Capitu* e *Vida Provisória*, entre outros) e, um ano antes de



Odete Lara e Fernando Bonfá em *Bonitinha, mas Ordinária*



Odete Lara



Odete Lara em *Bonitinha, mas Ordinária*

Boniinha, mas Ordinária, havia dirigido em parceria com Ronaldo Lupo, também ator e diretor de chanchadas, Quero Essa Mulher Assim Mesmo, cujo elenco (as então belas Brigitte Blair e Renata Fronzi e a megera profissional Violeta Ferraz) é suficiente para qualificar o filme. E foi também diretor assistente de nove produções de igual insípe.

A recente restauração de Boniinha, mas Ordinária – cuja cópia nova está em exibição neste evento – chamou a atenção para a autoria do filme. A maioria das fontes credita a direção a Billy Davis, esclarecendo que o nome é um pseudônimo de J. P. de Carvalho. Mas boatos persistentes desde o lançamento da película nos anos 1960 comentam que o verdadeiro autor seria o produtor e ator principal Jece Valadão, que, por algum motivo, teria precisado de um preposto para assinar a produção. E algumas fontes – bastante abalizadas, aliás – confirmam esta versão, sem entrar em maiores detalhes. Mas a questão é para ser desvendada pelos futuros historiadores do cinema brasileiro, mais urgente no momento é conhecer as qualidades desta obra que estava inacessível devido ao mau estado das cópias disponíveis. E a mostra Odete Lara, Atriz de Cinema oferece essa oportunidade ao público.

Se J. P. de Carvalho foi um nome secundário do cinema brasileiro, o mineiro Paulo Porto já era um ator consagrado quando dirigiu Odete Lara em seu longa de estreia, Em Família, lacerísmo melodrama sobre um casal de idosos que fica dependente da ajuda dos filhos. Adaptado de uma peça americana já filmada no país de origem, a caprichada produção brasileira traz nomes estelares na ficha técnica e foi bem recebida pela crítica da época, e até hoje tem entusiastas fervorosos. Odete Lara interpreta a filha que não pode ajudar os pais por causa de sua relação conflituosa com o marido rico e é um de seus poucos papéis no cinema sem apelo erótico.

Nascido em 1919, Paulo Porto tinha 53 anos quando se lançou na direção de filmes e possuía uma sólida carreira como ator no rádio, teatro, televisão e cinema, iniciada na década de 1940, quando veio para o Rio estudar para ser advogado, profissão que largou para dedicar-se as artes. Foi também produtor e roteirista e ficará lembrado por suas atuações em Toda Nudez Será Castigada (1973) e O Casamento (1976), ambos dirigidos por Arnaldo Jabor.

O argentino Fernando Ayala é pouco conhecido no Brasil, apesar de ser considerado um dos mais importantes cineastas de seu país surgidos nos anos 1960. Diretor de 40 títulos e prolífico produtor, com ele Odete Lara

Mais do que uma bela e grande atriz, Odete Lara foi sempre uma estrela no melhor sentido da palavra: aquela luz que nos ilumina com sua energia.
Além de compor com cuidado e perfeição os personagens que os cineastas lhe propunham, ela nos inspirava a criar personagens exclusivos para ela. De Walter Hugo Khouri a Glauber Rocha,

rodou seu único título fora do Brasil, Sábado à la Noche, Cine. Apelida, que conta com elenco gabaritado, é uma comédia composta por várias histórias entrelaçadas que tem o cinema como ponto central. Divertida e engenhosa, Sábado à la Noche, Cine representa uma vertente nada desprezível da filmografia de um realizador que tem o recorte político como uma de suas características.

Não se tem notícia do lançamento comercial desta obra argentina no Brasil nem de exibições recentes dela. Assim, sua passagem pela mostra Odete Lara, Atriz de Cinema é uma rara ocasião para se conhecer este título da atriz brasileira que desperta curiosidade tanto pela temática quanto pela importância do autor.

A exemplo de muitos colegas de geração, o mineiro José Sette assinou apenas dois longas-metragens em seu início de carreira: Bandalheira Infernal, de 1976, e Um Filme 100% Brasileiro, produção de 1985. O último recia de forma poética a passagem do poeta francês Blaise Cendrars pelo Brasil na década de 1920 e conta com uma rápida participação de Odete Lara no que é seu último registro nas telas de cinema. Outra raridade apresentada pelo evento já que, produzido nos extortos da antiga Embrafilme, Um Filme 100% Brasileiro não teve distribuição comercial e, fora algumas exibições em mostras e festivais, foi pouco visto.

Jece Valadão é mais conhecido pela persona do típico cafajeste brasileiro devido aos papéis que viveu em muitos dos 73 filmes nos quais atuou, mas poucos se lembram que Jece, nascido Gecy, foi diretor de invejáveis 17 filmes e, produtor ativo que era, assinou 39 obras, quase todas envolvendo nomes de prestígio do cinema nacional (Antônio Calmon, Júlio Bressane, José Louzeiro etc).

O papel do fluminense na produção cinematográfica brasileira ainda está para ser avaliado e a rara exibição de As Sete Faces de um Cafajeste na mostra Odete Lara, Atriz de Cinema pode contribuir para esta iniciativa. E Jece foi o mais assíduo parceiro de Odete: atuaram em três filmes, todos presentes no evento. Um presente para os fãs da insólita - mas frequente - dupla.

Odete viveu a cidade e o campo brasileiros com o espírito de seu tempo, ajudando-nos a compreender a nós mesmos através de seu rosto numa tela do cinema.

CARLOS
DIEGUES
CRÔNICA

MERGULHO ETERNO

LEONARDO LUIZ FERREIRA

Jornalista, crítico e cineasta

Odele Lara aceitou o convite do cineasta Luiz Carlos Lacerda para interpretar mais um personagem marcante em sua carreira no longa *O Princípio do Prazer*: "as pessoas me diziam que seria impossível convencê-la a abandonar o seu retiro voluntário em Friburgo, onde escrevia seus livros de memórias e de experiências espiritualistas", declarou o diretor em tom de lembrança sobre a segunda produção de sua filmografia. As filmagens aconteceram em uma bucólica Paraty, local ideal para desenvolver uma narrativa intimista que envolve incesto, preconceito e religião. Assim como em sua estrela, Milos Vazias, estrelado por outra diva do cinema brasileiro, Leila Diniz, Lacerda revela interesse em refletir sobre os relacionamentos humanos, o sexo e a instituição familiar. Odele Lara aparece com a elegância habitual, com uma maquiagem para realçar as suas feições, em um papel ousado, que contém uma memorável sequência em que se banha em uma cachoeira demonstrando a sua liberdade cênica e o desprendimento com relação ao corpo e ao desejo: um mergulho absoluto de sua eternidade cinematográfica.

Qual é a sua relação pessoal com Odele Lara?

Tive o privilégio de conviver com a Odele porque fazíamos parte do mesmo grupo de cinema, teatro, praia. Ela era casada com o cineasta Antônio Carlos Fontoura, e eu era assistente do Nelson Pereira dos Santos, com quem ela filmou *Boca de Ouro*, outro grande filme.

Algum filme em especial que possa ressaltar da carreira dela?

Desde menino Odele me fascinava. O que me marcou de imediato foi *Moral em Concordata*, do Fernando de Barros, onde ela atua ao lado de outra diva, Maria Della Costa, com a luz mágica do fotógrafo Ruy Santos. O filme, apesar de ser produção da Vera Cruz, tem uma atmosfera neorrealista.

Desde o inicio do projeto de *O Princípio do Prazer* sonhava em contar com a Odele?

O papel foi escrito para Norma Bengell. Mas Norma não podia fazer o filme porque estava presa a outros contratos. Somento Odele estaria à altura de substituí-la, com seu brilho de diva cinematográfica, sua intensidade na atuação e sua beleza. Não é por acaso que o seu personagem se chama Norma.

O longa tem alta tensão erótica, com algumas cenas de nudez. Fale sobre o processo de construção das personagens.

Tudo foi desenvolvido dentro da maior naturalidade, aproveitando elementos da personalidade dos atores e adaptando-os à linha de seus personagens. A tônica era a fantasia erótica amalgamada por um comportamento hipócrita. O desejo à flor da pele, o luxo das roupas e dos cenários construídos pelo

diretor de arte, Júlio Paraty, ajudaram muito na criação dessa atmosfera. Um crítico chegou a escrever que era um (Luchino) Visconti calpira. O filme intitulava-se inicialmente *As Paixões*, mas o Arnaldo Jabor quando viu uma projeção que fiz pra amigos, antes do corte definitivo, sugeriu *O Princípio do Prazer* – numa alusão ao princípio batizado por Freud, daquelas pessoas que buscam o prazer e evitam a dor – que é o caso desses personagens.

O Princípio do Prazer traz uma família que sai da cidade para viver em um recanto no interior. Há uma frase curiosa da personagem de Odele em determinado momento do filme: "no Rio de Janeiro era impossível continuarmos morando". Algo que ela declarou em algumas entrevistas ao justificar o seu retiro. Você acredita que esse desenho da personagem tenha contribuído para a sua participação no projeto?

Nunca tinha pensado no efeito dessa frase. Como escreveu (Luis) Buñuel, nós fazemos os filmes e as pessoas criam leituras independentes da nossa intenção. E isso é uma das riquezas da arte: trabalhar com o inconsciente, deixá-lo fluir e curtir as diversas interpretações que surgem. Ela já tinha explicado no seu livro *Eu Nua*, a necessidade de ter paz.

Como definiria Odele Lara, atriz de cinema?

Uma estrela nova – que é como os astrônomos chamam a esses pontos de luz que existem no céu e que nunca se apagam.



O Princípio do Prazer

FILMOGRAFIA DE ODETE LARA

FICÇÕES

- 1985** Um Filme 100% Brasileiro, de José Sette
- 1979** O Princípio do Prazer, de Luiz Carlos Lacerda
- 1974** A Estrela Sobe, de Bruno Barreto
A Rainha Diaba, de Antônio Carlos Fontoura
- 1973** Vai Trabalhar Vagabundo, de Hugo Carvana
Os Primeiros Momentos, de Pedro Camargo
- 1972** Câncer, de Glauber Rocha
O Jogo da Vida e da Morte, de Mário Kuperman
- 1971** Em Família, de Paulo Porto
As Aventuras com Tio Maneco, de Flávio Migliaccio
Lúcia McCartney, Uma Garota de Programa, de David Neves
- 1970** Os Herdeiros, de Carlos Diegues
Vida e Glória de um Canalha, de Alberto Salvá

- 1969** O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro, de Glauber Rocha
Viver de Morrer, de Jorge Ieli
- 1968** As Sete Faces de um Cafajeste, de Jece Valadão
Copacabana Me Engana, de Antônio Carlos Fontoura
- 1967** Mar Corrente, de Luz Paulino dos Santos
- 1964** Noite Vazia, de Walter Hugo Khouri
Pão de Açúcar, de Paul Sylbert
- 1963** Sonhando com Milhões, de Eurides Ramos
Boca de Ouro, de Nelson Pereira dos Santos
Oto Lara Rezende ou...
Bonitinha, Mas Ordinária, de Billy Davis
- 1962** Esse Rio Que Eu Amo (segmento Balbino, o Homem do Mar), de Carlos Hugo Christensen
- 1961** Mulheres e Milhões, de Jorge Ieli

- 1960** Sábado a la Noche, Cine, de Fernando Ayala
Dona Violante Miranda, de Fernando de Barros
Na Garganta do Diabo, de Walter Hugo Khouri
- 1960** Cacareco Vem Aí, de Carlos Manga
- 1959** Moral em Concordata, de Fernando de Barros
Dona Xepa, de Darcy Evangelista
- 1957** Uma Certa Lucrecia, de Fernando de Barros
Absolutamente Certo!, de Anselmo Duarte
Arara Vermelha, de Tom Payne
- 1956** O Gato de Madame, de Agostinho Martins Pereira

DOCUMENTÁRIOS

- (depoimentos)
- 2006** Adolfo Celii, Un Uomo Per Due Culture, de Leonardo Celii
- (material de arquivo)
- 2003** Glauber, O Filme - Labirinto do Brasil, de Silvio Tender
- 2001** Barra 68 - Sem Perder a Ternura, de Vladimir Carvalho



Mar Corrente



Os Herdeiros

FICHAS TÉCNICAS

ABSOLUTAMENTE CERTO! ANSELMO DUARTE

Roteiro Anselmo Duarte **Fotografia** Chick Fowle **Montagem** José Carizare **Design de produção** Pierino Massenzi **Produtor** Oswaldo Massaini **Produção** Cinedistri **Elenco** Anselmo Duarte, Dercy Gonçalves, Odete Lara **Brasil, 1957** Não recomendado para menores de 12 anos

BOCA DE OURO NELSON PEREIRA DOS SANTOS

Roteiro Nelson Pereira dos Santos, baseado na peça **Boca de Ouro**, de Nelson Rodrigues **Fotografia** Amílcar Daissé **Montagem** Rafael Justo Valverde **Som** Jorge dos Santos, Geraldo José, Nelson Ribeiro, Alberto Viana **Cenários** Cajado Filho **Produtor** Jarbas Barbosa, Gilberto Perrone **Produção** Copacabana Filmes, Fama Filmes, Imbancine **Música** Remo Usai **Elenco** Jece Valadão, Odete Lara, Daniel Filho, Ivan Cândido **Brasil, 1963** Não recomendado para menores de 14 anos

BONITINHA, MAS ORDINÁRIA SILVY DAVIS (J. P. DE CARVALHO)

Roteiro Jorge Dória, Jece Valadão, baseado na peça Otto Lara Rezende ou **Bonitinha mas Ordinária**, de Nelson Rodrigues **Fotografia** Amílcar Daissé **Montagem** Rafael Justo Valverde **Som** Nelson Ribeiro **Direção de arte** Cajado Filho **Produtor** Joffre Rodrigues, Jece Valadão **Produção** Magnus Filmes **Música** Carlos Lyra **Elenco** Jece Valadão, Odete Lara, Lia Rossi, Fregolente, André Vilon **Brasil, 1963** Não recomendado para menores de 16 anos

CÂNCER GLAUBER ROCHA

Roteiro Glauber Rocha **Fotografia** Luiz Carlos Saldanha **Montagem** Mirela, Tineca **Som** José Antônio Ventura **Produtor** Gianni Barceloni, Glauber Rocha **Produção** Mapa Filmes, Radiotelevisão Italiana **Elenco** Odete Lara, Hugo Carvana, Antônio Pitanga **Brasil, 1972** Não recomendado para menores de 18 anos

COPACABANA ME ENGANA ANTÔNIO CARLOS FONTOURA

Roteiro Antônio Carlos Fontoura **Fotografia** Alfonso Beato **Montagem** Mário Carneiro **Som** Aloísio Viana **Produtor** Antônio Carlos Fontoura, Dalal Ashcar **Produção** A.C. Fontoura & D. Ashcar **Elenco** Odete Lara, Carlo Mossy, Paulo Gracindo, Cláudio Marzo **Brasil, 1968** Não recomendado para menores de 12 anos

O DRAGÃO DA MALDADE CONTRA O SANTO GUERREIRO GLAUBER ROCHA

Roteiro Glauber Rocha **Fotografia** Alfonso Beato **Montagem** Eduardo Escoré **Som** Walter Goulart **Música** Mário Nobre **Cenários e figurinos** Hélio Eichbauer, Paulo Lima, Glauber Rocha, Paulo Gil **Soares Produtor** Glauber Rocha **Produção** Antoine Films, Glauber Rocha **Produções Artísticas**, Mapa Filmes **Elenco** Maurício do Valle, Odete Lara, Othon Bastos **Brasil-França-Alemanha, 1969** Não recomendado para menores de 14 anos

A ESTRELA SOBE BRUNO BARRETO

Roteiro Bruno Barreto, Carlos Diegues, Isabel Câmlara, Leopoldo Serran, baseado no livro **A Estrela Sobe**, de Marques Rebello **Fotografia** Murilo Salles **Montagem** Raymundo Higino **Som** Victor Raposo **Elenco** de arte Antônio Medeiros **Música** Francis Hime **Produtor** Lucy Barreto, Walter Sales **Produção** Indústria Cinematográfica Brasileira, Luis Carlos Barreto **Produções Cinematográficas** Elenco Betty Faria, Odete Lara **Brasil, 1974** Não recomendado para menores de 16 anos



EM FAMÍLIA PAULO PORTO

Roteiro Fereira Gular, Paulo Porto, Oduvaldo Viana Filho, baseado na peça **Make Way for Tomorrow**, de Helen e Noah Leary **Fotografia** José Medeiros **Montagem** Rafael Justo Valverde **Som** Juanes Dagoberto **Cenários e figurinos** Claudio Tovar **Música** Egberto Gismonti **Produtor** Paulo Porto, Roberto Farias **Produção** Produções Cinematográficas R. F. Farias, Ventania Filmes **Elenco** Iracema de Alencar, Rodolfo Arena, Paulo Porto, Odete Lara, Anecy Rocha, Fernanda Montenegro **Brasil, 1971** Não recomendado para menores de 12 anos

UM FILME 100% BRAZILEIRO JOSE SETTE

Roteiro e fotografia José Sette, baseado na obra de Blaise Cendrars **Montagem** Amaury Alves, José Tavares de Barros **Som** Humberto Ribeiro **Música** Luizinho Eça **Produtor** Marcos Lage, Tarcísio Vidal **Produção** Grupo Novo de Cinema **Elenco** Maria Gladys, Odete Lara, Wilson Grey **Brasil, 1985** Não recomendado para menores de 16 anos

O GATO DE MADAME AGOSTINHO MARTINS PEREIRA

Roteiro Átilio Pereira de Almeida **Fotografia** H. C. Fowley **Montagem** Mauro Alice **Som** Ernest Hack, Boris Siltschanou **Cenários** Pierino Massenzi **Figurinos** Sílvio Ramires **Produção** Cinematográfica Brasil Filmes **Elenco** Mazzaropi, Odete Lara, Carlos Cotrim **Brasil, 1956** Recomendado para todas as idades

MORAL EM CONCORDATA
FERNANDO DE BARROS

Roteiro José Cafizares, Fernando de Barros, Carlos Alberto de Souza Barros, Abílio Pereira de Almeida Fotografia Rudolf Icsey, Ruy Santos Montagem José Cafizares Som Juarez Dagoberto Design de produção Pierino Massenzi Figurinos Denner Produtor Fernando de Barros, Oswaldo Massaini, Abílio Pereira de Almeida Produção Cinedistri, Cinematográfica Brasil Filmes Elenco Odete Lara, Maria Della Costa, Jardel Filho Brasil, 1959 Não recomendado para menores de 18 anos

NOITE VAZIA
WALTER HUGO KHOURI

Roteiro Walter Hugo Khouri Fotografia Rudolf Icsey Montagem Mauro Alice Som Ernest Hack Design de produção Pierino Massenzi Cenários Silvio Campos Música Rogério Duprat Produtor Nelson Gaspari, Walter Hugo Khouri Produção Kamera Filmes, Vera Cruz Studios Elenco Norma Bengell, Odete Lara, Mario Benvenuti, Gabriele Tinti Brasil, 1964 Não recomendado para menores de 18 anos

O PRINCÍPIO DO PRAZER
LUIZ CARLOS LACERDA

Roteiro Luiz Carlos Lacerda, Raimundo Higino, Luiz Antonio Magalhães Fotografia Gilberto Otero Montagem Raymundo Higino Som Alcino Pereira da Silva Design de produção Júlio Paraty Produção Filmes de Paraty Produtor Luiz Carlos Lacerda Elenco Odete Lara, Paulo Villaça, Ana Maria Miranda, Nuno Leal Maia, Carlos Alberto Riccelli Brasil, 1979 Não recomendado para menores de 18 anos

A RAINHA DIABA
ANTONIO CARLOS FONTOURA

Roteiro Antonio Carlos Fontoura Fotografia José Medeiros Montagem Rafael Justo Valverde Cenários e figurinos Ângelo de Aquino Produtor Antônio Carlos Fontoura, Roberto Farias, Paulo Porto Produção filmes De Lirio, Lanterna Mágica, R.R. Farias, Ventana Filmes Elenco Milton Gonçalves, Odete Lara, Stepan Nerolessian, Nelson Xavier Brasil, 1974 Não recomendado para menores de 18 anos

SÁBADO A NOITE
FERNANDO AYALA

(Sábado a la Noche, Cine) Roteiro Fernando Ayala, Rodolfo M. Taborda, David Vargas Fotografia Aníbal González Paz Montagem Ricardo Rodriguez Nistal, Atílio Rinaldi Design de produção Mario Vanarelli Música Astor Piazzolla Produtor Fernando Ayala Produção Aries Cinematográfica Elenco Gilda Lousek, Luiz Tasca, Odete Lara Argentina, 1960 Não recomendado para menores de 14 anos

AS SETE FACES DE UM CAFAJESTE
JECE VALADÃO

Roteiro Braz Chedisk, Jece Valadão Fotografia Antônio Smith Gomes Montagem Lucia Erila, Rafael Justo Valverde Som Alberto Vianna Direção de Arte Cajado Filho Música Silvio Cesar Produtor Jece Valadão Produção Alívio Bruni Produções Cinematográficas, Magnus Filmes Elenco Jece Valadão, Odete Lara, Norma Blum Brasil, 1968 Não recomendado para menores de 18 anos



RIO DE JANEIRO

Rua Primeiro de Março, 66, Centro. Informações: 21 3808 2020. Twitter.com/ccbbrj

TERÇA-FEIRA 10 DE MAIO

- 14h | Absolutamente Certo | 95 min
16h | Moral em Concordata | 95 min | DVD
18h | Copacabana me Engana | 93 min
20h | A Estrela Sobe | 105 min | Beta

QUARTA-FEIRA 11 DE MAIO

- 14h | Bonitinha, mas Ordinária | 101 min
16h | O Dragão da Maldade contra o Santo
Guerreiro | 95 min
18h | Câncer | 86 min | Beta
20h | A Rainha Diabla | 100 min



QUINTA-FEIRA 12 DE MAIO

- 14h | Em Família | 100 min
16h | As Sete Faces de um Cafajeste | 90 min
18h | O Princípio do Prazer | 90 min
20h | Retratos Brasileiros: Odete Lara |
30 min | DVD | Bate-papo com João Carlos
Rodrigues (pesquisador de cinema),
Leonardo Luiz Ferreira (jornalista, crítico e
cineasta) e Luiz Carlos Lacerda (cineasta)

SEXTA-FEIRA 13 DE MAIO

- 15h | O Gato de Nádame | 90 min
17h | Um Filme 100% Brasileiro | 83min | Beta
19h | Boca de Ouro | 103 min
21h | Copacabana me Engana | 93 min

SÁBADO 14 DE MAIO

- 18h30 | Noite Vazia | 93 min
20h10 | Retratos Brasileiros: Odete Lara |
130 min | DVD | Câncer | 86 min | Beta |

DOMINGO 15 DE MAIO

- 18h | A Estrela Sobe | 105 min | Beta
20h | Sábado à Noite, Cinema | 103 min | DVD



BRASÍLIA

SCES, trecho 02, conjunto 22. Informações: 61 3310 7087.
Ônibus gratuito. Verifique locais e horário de saída: Twitter.com/cccb_df



TERÇA-FEIRA 17 DE MAIO

- 17h | Absolutamente Certo | 95 min
19h | Moral em Concordata | 95 min | DVD
21h | Bonitinha, mas Ordinária | 101 min

QUARTA-FEIRA 18 DE MAIO

- 17h | O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro | 95 min
19h | Um Filme 100% Brasileiro | 83min | Bela
21h | As Sete Faces de um Cafajeste | 90 min

QUINTA-FEIRA 19 DE MAIO

- 17h | Em Família | 100 min
19h | Sábado a Noite, Cinema | 103 min
21h | O Princípio do Prazer | 90 min

SEXTA-FEIRA 20 DE MAIO

- 17h | O Gato de Madame | 90 min
19h | Boca de Ouro | 103 min
21h | Copacabana me Engana | 93 min

SÁBADO 21 DE MAIO

- 17h | Bonitinha, mas Ordinária | 101 min
19h | A Estrela Sobe | 105 min | Bela
21h | A Rainha Diabla | 100 min

DOMINGO 22 DE MAIO

- 17h | Copacabana me Engana | 93 min
19h | Noite Vazia | 93 min
21h | As Sete Faces de um Cafajeste | 90 min

TERÇA-FEIRA 24 DE MAIO

- 17h | Sábado a Noite, Cinema | 103 min
19h | A Estrela Sobe | 105 min | Bela
21h | Um Filme 100% Brasileiro | 83min | DVD

QUARTA-FEIRA 25 DE MAIO

- 17h | Câncer | 86 min | Bela
19h | O Gato de Madame | 90 min
21h | Noite Vazia | 93 min

QUINTA-FEIRA 26 DE MAIO

- 17h | A Rainha Diabla | 100 min
19h | Copacabana me Engana | 93 min
21h | Retratos Brasileiros: Odete Lara | 30 min | DVD | Bela-papo com Antônio Carlos Fontoura (cineasta) e Cláudio Valençinetti (crítico de cinema)

SEXTA-FEIRA 27 DE MAIO

- 17h | Absolutamente Certo | 95 min
19h | A Estrela Sobe | 105 min | Bela
21h | Retratos Brasileiros: Odete Lara | 30 min | DVD | Câncer | 86 min | Bela |

SÁBADO 28 DE MAIO

- 13h40 | Em Família | 100 min
15h30 | Moral em Concordata | 95 min | DVD
17h15 | Um Filme 100% Brasileiro | 83min | Bela

DOMINGO 29 DE MAIO

- 17h | Boca de Ouro | 103 min
19h | O Princípio do Prazer | 90 min
21h | Sábado a Noite, Cinema | 103 min | DVD



SÃO PAULO

Rua Alves Penteado, 112, Centro. Informações: 11 3113 3651/3113 3652.

Próximo à estações Sé e São Bento do Metrô. twitter.com/ccbb_sp

QUARTA-FEIRA 1 DE JUNHO

- 17h30 | Noite Vazia | 93 min
19h30 | Moral em Concordata | 96 min | DVD

QUINTA-FEIRA 2 DE JUNHO

- 17h30 | O Dragão da Maldade contra o Santo
Guemeiro | 95 min
19h30 | Bonitinha, mas Ordinária | 101 min

SEXTA-FEIRA 3 DE JUNHO

- 17h30 | Câncer | 86 min | Beta
19h30 | As Sete Faces de um Cafajeste
| 90 min

SÁBADO 4 DE JUNHO

- 13h | Em Família | 100 min
17h | A Rainha Diable | 100 min
19h | O Princípio do Prazer | 90 min

DOMINGO 5 DE JUNHO

- 13h | O Gato de Madame | 90 min
17h | Copacabana me Engana | 93 min
19h | Boca de Ouro | 103 min

QUARTA-FEIRA 3 DE JUNHO

- 17h30 | Um Filme 100% Brasileiro | 83min
| Beta
19h30 | Sábado à Noite, Cinema | 103 min
| DVD

QUINTA-FEIRA 4 DE JUNHO

- 17h30 | A Estrela Sobe | 105 min | Beta
19h30 | Retratos Brasileiros: Odete Lara
| 30 min | DVD | Bate-papo com Antonio
Bivar (jornalista e escritor) e César
Zamberlan (jornalista)

SEXTA-FEIRA 10 DE JUNHO

- 17h30 | O Princípio do Prazer | 90 min
19h30 | Absolutamente Certo | 95 min

SÁBADO 11 DE JUNHO

- 15h | Bonitinha, mas Ordinária | 101 min
17h | Noite Vazia | 93 min
19h | Retratos Brasileiros: Odete Lara | 30 min
| DVD | Câncer | 86 min | Beta

DOMINGO 12 DE JUNHO

- 15h | Moral em Concordata | 96 min | DVD
17h | A Estrela Sobe | 105 min | Beta
19h | Sábado à Noite, Cinema | 103 min



ODETE LARA, ATRIZ DE CINEMA

CRÉDITOS

PATROCÍNIO

Ministério da Cultura
Banco do Brasil

REALIZAÇÃO

Centro Cultural Banco do Brasil

ORGANIZAÇÃO

Ginja Filmes & Produções,
Tucumán Distribuidora

CURADORIA

João Juarez Guimarães

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Priscila Miranda

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Diana Illescu

ASSISTÊNCIA DE PRODUÇÃO

Etel Moraes, Manuela Castilho, Maria Galeno

TRÂNSITO DE CÓPIAS

Sabrina Bitencourt

TRADUÇÃO DE FILMES

Miguel do Rosário

LEGENDAGEM ELETRÔNICA

Silêncio Multimídia

VINHETA

Pablo Pablo

REGISTRO EM VÍDEO

Alessandra Stropp (Rio de Janeiro), Mateus Guimarães (Brasília), Rafael Gomes (São Paulo)

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Leonardo Luiz Ferreira

DEPOIMENTOS

Mario Abbade

PROJETO GRÁFICO

João Juarez Guimarães

COORDENAÇÃO GRÁFICA

Jonas Willan

SITE

Jetweb Assessoria

ASSESSORIA DE IMPRENSA

Claudia Oliveira (Rio de Janeiro), Objetosim (Brasília), Conta Regras (São Paulo)

REVISÃO DE CÓPIAS

Cristina Flores

CONTABILIDADE

Master Contábil, Competência Contábil

AGRADECIMENTOS

Ana Karina de Carvalho, André Gustavo Freires da Silva, Anna Karine Bellalai, Antonio Carlos Fontoura, Antonio Laurindo, Bruno Barreto, Coleção Marcelo Del Cima, Conceição Engacia, Fernanda Bruni, Flávia Suzano Ramos, Hector Oliveira, Joaquim Ferreira dos Santos, José Baptista de Miranda Filho, José Sette, Leandro Pardi, Leonardo Gavina, Leonardo José Cortez Veloso, Letícia Fontoura, Lucy Barreto, Luis Carlos Teixeira Mendes, Luiz Carlos Barreto, Luiz Carlos Lacorda, Magnus Filmes, Marcia Pereira dos Santos, Maria Apparecida de Miranda, Paradise Vídeo, Patrícia de Filippi, Paula Barreto, Ricardo Brandão, Rocio Infante, Patrick Werneck, Piatti Ristorante e Sushi Bar, Rogério Durst, Sara Rocha, Sílvia Maria de Miranda São Thiago, Talitha Fiorini Dalcosta, Tássia Mily, Vitor Penna e Silva, Walquíria Mainhard, Wilfred Khouri

FOTOS

Divulgação



A Odete Lara é a
nossa Marlene
Dietrich. Poesia e
drama de mãos
dadas.

BRUNO
BARRETO
CREATIVO

bb.com.br/cultura

SAC: 0800 729 0722
Ouvintes BB: 0800 729 5678
Deficiente auditivo ou de

Difícil fazer
justiça à
precisão que
Odete
personifica.
Impossível fugir
da emoção que
sua pessoa
provoca. Difícil
definir-la em
palavras, tantas
são as que me
vêm à cabeça
junto com as
lembraças -
talento &
sabedoria,
sensibilidade &
elegância,
discrição &
exuberância,
beleza &
silêncio,
macrobiótica &
cinema novo,
dragões &
rainhas,
Copacabana &
Bixiga,
vanguarda &
sexo, café &
aspirina, Japão
& Califórnia,
jornadas
interiores &
peitos de fora,
Tom & Vinicius,
lealdade &
grandeza, sol &
tempestade. E
nem todas essas
ou outras ideias
são capazes de
revelar quem é
Odete Lara.
Talvez as
imagens - que
dizem valer por
mil palavras -,
talvez o cinema
nos permita
vislumbrar um
pouco mais do
seu fascinante
mistério. Sorte
nossa, cinéfilos.

EUCLIDES
MARINHO
MORUIM
EX-BAROÇO DE ODETE LARA



“

Odete é a grande
estrela do
cinema nacional.
Os filmes estão
ai para
comprovar. Viva
ela!

GILBERTO
BRAGA
Sobralia

